

GRAFISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

GRAPHISM IN CHILDHOOD EDUCATION

Helienai Bueno de Souza; Daniela Soares Rodrigues; Ana Cláudia Faria de Lima;
Vania Gomes Cardoso; Vilma Maria Soares Rodrigues; Cláudia Ribeiro de Lima

RESUMO: O grafismo infantil é um tipo de linguagem que a criança utiliza para se comunicar e se expressar. Através dos rabiscos, das linhas, desenhos e tracejados, ela externaliza sua imaginação, seus pensamentos, desejos, angústias e sentimentos. Esse, é um comportamento natural das crianças, desde quando elas nascem, elas são capazes de fazê-los. O presente trabalho tem como objetivo principal compreender o emaranhado de significados por trás de um grafismo infantil na educação. Esse artigo tem como base principal de pesquisa a revisão bibliográfica, com a finalidade de aprofundar o conhecimento acerca do tema, foram utilizados autores como: Luquet (1969), Lowenfeld (1976), Leão, Paloma (2022); Teixeira (2007); Alves (2014). Na revisão bibliográfica foram abordados teorias e conceitos e sobre todo o processo de desenvolvimento do grafismo infantil, assim como as fases, o trabalho da equipe educacional, incluindo os pedagogos e professores, que são os profissionais que lidam diariamente com essa criança no ambiente escolar, onde, muitas vezes são esses profissionais que conseguem identificar possíveis situações que a criança está sendo submetida, envolvendo o seu contexto social, família e suas relações. Pelo fato da criança ser um indivíduo em construção, o seu grafismo carrega aspectos conscientes e inconscientes, por isso, a interpretação do grafismo infantil, por parte da equipe não será feita de maneira isolada, é preciso levar em consideração toda a integridade da criança.

Palavras-chave: Grafismo. Crianças. Educação. Comunicação.

ABSTRACT: Children's graphics is a type of language that children use to communicate and express themselves. Through scribbles, lines, drawings and dashes, they externalizes their imagination, their thoughts, desires, anxieties and feelings. This is a natural behavior of children, since when they are born, they are able to do it. The main objective of this work is to understand the tangle of meanings behind a children's graphics in education. This article has as it's main research base the bibliographic review, with the purpose of deepening the knowledge on the subject, with authors such as: Luquet (1969), Lowenfeld (1976), Leão, Paloma (2022); Teixeira (2007); Alves (2014). In the bibliographic review, theories and concepts were addressed and about the entire process of development of children's graphics, as well as the phases, the work of the educational team, including pedagogues and teachers, who are the professionals who deal daily with this child in the school environment, where, many times, these professionals are able to identify possible situations that the child is being submitted, involving their social context, family and their relationships. Because the child is an individual under construction, its graphics carry conscious and unconscious aspects, so the interpretation of children's graphics by the team will not be done in isolation, it is necessary to take into account the entire integrity of the child.

Keywords: Graphics. Children. Education. Communication.

INTRODUÇÃO

O grafismo infantil é um tipo de linguagem que a criança utiliza para se comunicar e se expressar. Essa é a primeira forma de escrita representada pela criança antes mesmo dela ser alfabetizada, pois, é através dos rabiscos, das linhas, desenhos e tracejados que ela externaliza sua imaginação, seus pensamentos, desejos, angústias, sentimentos e situações vivenciadas por ela mesma.

Os primeiros registros gráficos de uma criança são extremamente importantes para a sua vida, principalmente no que se a refere a educação infantil. É através dos rabiscos, que para muitos são incompreendidos que, futuramente será a sua principal forma de linguagem.

A equipe educacional, tem um papel imprescindível nesse processo. Eles desempenham um papel fundamental, uma vez que servem como rede de apoio para essa criança que expõe seu mundo intrapessoal nas representações gráficas. Por meio de uma análise cuidadosa os profissionais de educação e toda a equipe que compõe a o sistema educacional, é capaz de identificar possíveis sinais de sofrimento emocional e de uma diversidade de

situações que a criança está sendo exposta.

Com isso, esse artigo busca compreender como o grafismo é visto na educação infantil. Com objetivos específicos a serem alcançados, busca-se: Definir o desenvolvimento do grafismo infantil; Identificar os tipos de grafismo infantil; Compreender a forma de interpretação do grafismo por parte da equipe educacional.

Nesse contexto, esta pesquisa foi realizada tendo como base a pesquisa bibliográfica, onde buscou-se através de livros, revistas, jornais e artigos científicos explicar o desenvolvimento e interpretação do grafismo no processo de educação infantil.

Dessa forma, a estrutura desse trabalho busca apresentar de acordo com a fundamentação teórica os seguintes assuntos: O Grafismo Infantil: Conceito; O Grafismo e as suas fases de desenvolvimento; Os tipos de grafismo infantil De acordo com a ótica de Luquet e Lowenfeld, separando-as em: Na ótica de Luquet e Na ótica de Lowenfeld; O papel dos educadores no processo de desenvolvimento do grafismo infantil; Análise do grafismo infantil pelo professor e equipe.

O GRAFISMO INFANTIL: CONCEITO

Ao longo dos anos, desde a antiguidade, rabiscar, desenhar e escrever são algumas formas desenvolvidas pelo ser humano para se expressar, manifestar e comunicar, seja ela de forma objetiva ou subjetiva (PILLOTTO; SILVA; MOGNOL, 2007). O grafismo, em suas diferentes formas, no decorrer dos anos ganhou um importante destaque, alcançando não apenas o setor artístico, mas também na área comercial, industrial e educacional (LEÃO, PALOMA, 2022). Visto que, deixar uma mensagem é essencial para a comunicação social, uma vez que todos os seres humanos sempre tentam registrar para os outros uma história que externalize e simbolize suas vontades, emoções, conflitos e pensamentos, de uma maneira única. (PILLOTTO; SILVA; MOGNOL, 2007).

Apesar do desenho já estar presente na sociedade desde os tempos pré-históricos, ele em sua completude, está intrinsecamente ligado à infância, visto que é um comportamento natural das crianças confeccionar seus desenhos e presentear os indivíduos ao seu redor, sejam eles, colegas de classe, familiares ou até mesmo professores,

uma vez que elas utilizam-se do desenho para expressar seus pensamentos e estabelecer a comunicação com o meio. (LEÃO, PALOMA, 2022).

Naturalmente, desde muito cedo, para as crianças, o ato de desenhar, é uma prática muito comum. Pois, corriqueiramente, antes mesmo de ensinarem elas a ler e escrever, elas aprendem a rabiscar. No contexto educacional, o desenho é caracterizado como uma forma de linguagem própria da criança, onde, através das linhas, traços, cores e rabiscos, ela expressa sua imaginação, e pensamento sobre determinada ideia, registrando toda uma realidade de si e de seus pares. (LEÃO, PALOMA, 2022).

Assim, as crianças ao desenvolverem suas habilidades motoras, cognitivas, sensoriais e sociais, encontram no lápis, no giz de cera, ou nas tintas, recursos para deixarem suas próprias marcas. Dessa forma, elas se tornam capazes para estabelecer maneiras para comunicar-se e transmitir sua própria experiência, bem como os elementos que estão ativos mentalmente, demonstrando assim, o que é importante para elas. Ao decorrer do seu desenvolvimento, os rabiscos simbólicos passam a ter

um significado: a necessidade vital de serem compreendidas pelos grupos sociais no qual estão inseridas, abarcando o contexto social, cultural e pessoal. As crianças ao utilizar-se dos grafismos, abre espaço aos processos de criação e imaginação, ampliando dessa forma, suas potencialidades de expressão. (PILLOTTO; SILVA; MOGNOL, 2007).

O desenho é um manifesto espontânea da expressão do pensar, ele pode se torna um instrumento de projeção e alcance aonde às palavras não chegam, não expressam. O desenho infantil é um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento integral do indivíduo e constitui-se num elemento mediador de conhecimento e autoconhecimento. A partir do desenho a criança organiza informações, processa experiências vividas e pensadas, revela seu aprendizado e pode desenvolver um estilo de representação singular do mundo. (ALVES, 2014, p 02).

Desse modo, para as crianças, o grafismo representado por desenhos é a oportunidade de conhecer o outro e o mundo pelo qual desempenha seu papel. Entretanto, nem toda criança gosta de apenas desenhar, outras tem a preferência por outro tipo de atividade que permite também se expressar, dentre elas estão as práticas de pintar, modelar, construir e representar. (TEIXEIRA, 2007).

Historicamente, o desenho tem sido entendido como uma marca, traço ou linha que configura e subordina-se a uma forma. Ao contornarmos a sombra de uma árvore sobre o chão, realizamos uma ação, expressão de uma vontade, que define uma forma, uma posição e uma estrutura sobre o plano bidimensional, em que o chão se constitui. (COELHO 2000, p. 54, apud SOUZA, 2020).

Ao desenhar, a criança coloca para fora seu universo pessoal, carregado de desejos, sentimentos, sensações e fantasias. Toda essa expressividade infantil caracteriza o movimento externo das expressões interiorizadas na sua psique, constituindo uma série de componentes psicoafetivos e cognitivos. Assim, ao os fazerem desde os primeiros anos de vida, com o passar dos anos elas desenvolverão sua própria linguagem, expressa em sinais, signos e símbolos, cada um tendo seu significado subjetivo. Dessa forma, torna-se de suma importância o meio social no qual a criança faz parte reconhecer e respeitar esse aspecto particular. (TEIXEIRA, 2007).

Para elas, os símbolos são uma representação das suas relações. Com isso, objetos significativos são desenhados na sua imaginação, revelando um emaranhado de

emoções, criatividade e significados, podendo ser de fato reais, ou apenas frutos da fantasia característica dessa fase de desenvolvimento humano. Por isso, a linguagem não verbal permite as crianças transparecer suas ideias, sentimentos, ações, desejos e sentimentos, experimentados de diversas formas por elas. (PILLOTTO; SILVA; MOGNOL, 2007).

O desenho para a criança, vai além de um método artístico, praticado mecanicamente, refere-se de fato, ao ato de induzir a criação de suas particularidades e singularidades. (COELHO, 2008). Por isso, a criatividade das crianças deve ser influenciada no dia a dia, pelos pais, responsáveis, bem como o ambiente escolar, uma vez que, ao explorar essa capacidade, a criança avança em suas construções expressivas. (OSTROWER, 1977). Quando a criança presencia uma pessoa utilizando materiais como lápis, papel, e outros, tendem a reproduzir o mesmo movimento e comportamento, e isso acaba influencia a representatividade gráfica. (PEREIRA & SILVA, 2011).

De acordo com Novaes (1972, apud PILLOTTO; SILVA; MOGNOL, 2007), cada criança tem sua subjetividade, que está presente na

unicidade de percepção e expressão experienciadas durante sua vida e nas suas fantasias. Diante disso, toda criança é capaz de criar quando são expostas oportunidades e liberdade para tal.

Assim como expõe Bédard, (1998):

[...] o desenho representa, em parte, a mente consciente, mas também, e de maneira mais importante, faz referência ao inconsciente. Não devemos esquecer-nos de que o que nos interessa é o simbolismo e as mensagens que o desenho transmite-nos, não a sua perfeição estética. (BÉDARD, 1998, p. 6).

É através da capacidade simbólica, que a criança consegue intensificar a suas habilidades e competências de criar e reproduzir sua imaginação, apesar de aparecer somente por volta dos dois anos de idade. Dessa forma, torna-se possível através do grafismo identificar os aspectos emocionais em qualquer fase do desenvolvimento humano, sendo tanto a criança, quanto um adolescente ou adulto. (PILLOTTO; SILVA; MOGNOL, 2007). Uma vez que, sentir, imaginar, fantasiar, perceber e representar, acompanha todo e qualquer indivíduo desde seu desenvolvimento infantil, até a idade sênior. (Ferraz e Fusari, 1999 apud, TEIXEIRA, 2007).

Entretanto, o desenvolvimento de um grafismo infantil não é um processo linear e estagnante, pelo contrário, é cheio de idas, vindas, avanços e retroações. Ao desenhar, no papel, na parede, no chão, em um quadro, ou qualquer outra superfície na qual ela acha disponível, a criança vai demonstrando seus sentimentos, e experimentando um constante processo existencial, onde, a cognição e emoção caminham interligados. Por esse fato, o grafismo infantil é reconhecido como um processo. (OSTETTO, 2011).

O GRAFISMO E AS SUAS FASES DE DESENVOLVIMENTO

Por natureza, a criança em toda a sua espontaneidade, interage com o meio através de sua curiosidade e inteligência. Nos primeiros anos de vida, explora seu corpo, os locais, objetos, materiais e brinquedos, percorrendo de maneira dinâmica todas os estímulos que lhes são apresentados. Por meio das interações estabelecidas com os indivíduos ao seu redor, a criança organiza e elabora seus conhecimentos de acordo com os pensamentos e informações que obtém ao decorrer de suas fases evolutivas. Ao entrar em contato com o

mundo real, a criança o compreende e aprende através da observação, interrogação e investigação própria, elaborando assim, suas próprias teorias acerca de suas ideias (SOUZA, 2012)

Desse modo, as crianças passam por um processo ativo de organização interna e de adaptação ao meio, simultaneamente. Conforme esse processo acontece, posteriormente, novos conhecimentos vão sendo adquiridos, formando assim, sua personalidade e desenvoltura psicopedagógica (SOUZA, 2012).

No seu processo evolutivo, a criança começa a despertar o interesse por desenhos a partir dos seus primeiros meses de vida, e a partir de 2 anos, já desenha com rapidez e rigidez. No seu mundo imaginário a menor preocupação é com qual mão desenhar, ou qual desenho fazer. Ao longo do processo, ela fará retas, círculos, curvas e figuras. Com seus 3 anos de vida, ela já possui um maior domínio da sua musculatura quando comparado a outras idades, onde, aos poucos vai sendo descoberto novas formas de desenhar, assim como, ela atribui nome, formas e sentimentos aos seus

desenhos (SANS, 1995, apud TEIXEIRA, 2007).

De acordo com Sans (1995, apud TEIXEIRA, 2007, p 16), “inicialmente os círculos são feitos em forma pura; aparecem vazios. Mas logo a criança começa a preenchê-los com riscos, até cruzá-lo de diversas maneiras”. Porém, quando a criança está inserida em um ambiente familiar e grupos sociais desorganizados, o adulto tende a dificultar esse processo, uma vez que inconscientemente o adulto que é a figura de autoridade, seja um professor, um pedagogo ou familiar, acaba restringindo a liberdade de criação da criança, por causa das regras e condições impostas por ele. Dessa maneira, quando essa criança está enfrentando conflitos emocionais, dificilmente esse adulto conseguirá identificar os sinais que a criança emite em sua grafia. (TEIXEIRA, 2007).

Similarmente, as condições para seu pleno conhecimento (emocional, psíquico, físico, cognitivo) não podem ser estáticas, pois a criança é extremamente fiel às necessidades de seu sistema nervoso e existencial, que são alteradas constantemente, o que confere um tom de veracidade em todos os seus gestos (TEIXEIRA, 2007, p 16).

Ao referir às fases de desenvolvimento da grafia infantil, várias são as classificações, e

envolvem os parâmetros sociais, culturais, psicológicos e pedagógicos, podendo assim, variar de acordo com cada autor, em sua teoria. De acordo com Bessa (1969, apud, TEIXEIRA 2007), as fases são: Estágio de rabiscção; Estágio de início de figuração; Estágio de figuração esquemática e Estágio de figuração realista.

O estágio de rabiscção de Bessa (1969, apud, TEIXEIRA 2007), inclui crianças de 18 meses aos 4 anos de idade. Nesse estágio, a criança utiliza-se de instrumentos para rabiscar sem atribuir algum significado. Diferentemente do Estágio de Figuração, a criança em seu desenvolvimento humano, já desenvolveu uma capacidade maior para rabiscar, e partir disso, começam a surgir às primeiras formas de significação intencional. Essa fase inclui crianças de 4 anos a 7 anos de idade (TEIXEIRA 2007).

O estágio de figuração esquemática de Bessa (1969, apud, TEIXEIRA 2007), correlaciona ao desenvolvimento de um realismo lógico. Para o autor, a cultura e o meio social no qual a criança faz parte é o principal fator de influência no grafismo da criança. Pois, para ele, a criança desenha o que conhece ou

aquilo na qual ela absorveu de uma experiência vivenciada, e é comum notar a representação de figuras geométricas nos desenhos. Nesse estágio, a faixa etária das crianças vão dos 7 aos 9 anos de idade (TEIXEIRA 2007).

O último estágio segundo Bessa (1969, apud, TEIXEIRA 2007), é chamado de figuração realista. Nesse estágio em questão, aos poucos a geometria presente, vai perdendo as formas e dá lugar à contornos realistas e naturais. Nesse estágio estão inclusas crianças acima de 10 anos (TEIXEIRA 2007). Portanto, “ao atingir seus 10 anos, a criança já tem um senso crítico e fica mais exigente, procurando colocar uma lógica na sua criação.” (TEIXEIRA, 2007, p 16).

OS TIPOS DE GRAFISMO INFANTIL DE ACORDO COM A ÓTICA DE LUQUET E LOWENFELD

A ÓTICA DE LUQUET:

O desenho infantil, assim como todos os elementos que envolvem o grafismo, tem sido tema alvo de importantes estudiosos que visam entender a respeito de cada fase gráfica que as crianças percorrem até a evolução completa do grafismo por parte delas. Autores como George-

Henri Luquet (1969), Viktor Lowenfeld (1976), e Jean Piaget (1976), apresentam suas teorias a respeito do tema, cada um com o seu nicho de conhecimento e ideias a respeito de cada fase de desenvolvimento (Bombonato; Farago, 2016).

Por volta da década de 20, Luquet, um dos pioneiros em pesquisas envolvendo os estágios do desenvolvimento dos desenhos infantis, lançou diferentes obras baseando suas ideias em teorias cognitivas. Como já mencionado, o grafismo infantil se caracteriza por um todo simbólico inconsciente ate mesmo para a própria criança que o reproduz, as suas produções gráficas abarcam a combinação entre o mundo real e imaginário. (SUZUKI, et al., 2021).

Diante disso, Luquet (1969), acredita que os aspectos culturais apesar de influenciar, não é o principal fator no desenvolvimento do grafismo infantil. Para ele, as crianças possuem tendências a representar questões mais realistas, sendo assim, aquelas que mais se aproximariam da realidade em que elas vivem. (BOMBONATO; FARAGO, 2016).

I- ESTÁGIO DE REALISMO FORTUITO

De acordo com a sua teoria, os primeiros riscos de grafia de uma criança ocorrem por volta por dois anos de idade. Segundo Luquet, essa fase é denominada de “Realismo Fortuito”, e se subdivide em desenho voluntário e involuntário. Na etapa do desenho involuntário, a criança ainda não tem ideia alguma do que é um grafismo, seus traços são involuntários, descoordenados e não possuem significado. Em contrapartida, na etapa do desenho voluntário a criança consegue dar nome aos traços feitos, e ela já consegue atribuir significado ao conjunto de traços representados, descobrindo por acaso que aqueles riscos não intencionados é um objeto desenhado (SUZUKI, et al., 2021).

Nessa fase, é característico que ao visualizar uma ação feita por um adulto, a criança repita aquela ação, reproduzindo por imitação um desenho, traço ou risco pelo puro prazer de imitar e rabiscar. (BOMBONATO; FARAGO, 2016). Além disso, também é importante que os recursos gráficos ofertados a criança como o papel, seja de dimensões maiores, pelo fato dela não controlar seus movimentos. (SOUZA, 2012).

Conforme Suzuki, et al., (2021):

Quando a criança começa tomar ciência das semelhanças entre seus traçados e um objeto real, ela produz o desenho voluntário, com intenções e desejos conscientes de desenhar algo. Tal percepção ocorre no final da fase de realismo fortuito, que pode ir até os quatro anos de idade. E (SUZUKI, et al., 2021, p 24).

II- ESTÁGIO DE REALISMO FALHADO/FRACASSADO

A segunda fase estudada por Luquet, foi chamada por ele de “Realismo Falhado”, também denominada de incapacidade sintética, e é observada em crianças de três a quatro anos de idade. Nesta fase de desenvolvimento do grafismo, a criança vivencia duas dificuldades, envolvendo tanto as ordens físicas quanto as psíquicas. Os obstáculos físicos se referem à dificuldade de executar o traçado, já a psíquica se caracteriza pela atenção e percepção, apesar de perceber toda a gama de detalhes de um desenho ou rabisco, a criança não consegue executar fielmente, por isso, o autor também denominou de incapacidade sintética. (IAVELBERG, 2013, apud, BOMBONATO; FARAGO, 2016).

De acordo com Mèredieu (2006):

Para Luquet (1969) o Realismo Fracassado é nele que é encontrado o fracasso e sucessos que a criança se depara para desenhar. Ao descobrir a identidade de seus traçados tenta produzir estas formas que estão em processo de aprendizagem. Estágio que acontece por volta dos três e quatro anos de idade. (Mèredieu, 2006, apud, Bombonato; Farago, 2016, p 182).

Nesse período, a criança representa cada objeto de maneira diferente, os rabiscos ficam soltos e aleatórios, não interagindo de maneira coerente com todo o resto. Também é comum nessa etapa do realismo falhado elas exagerarem e grandeza e tamanho dos objetos, assim como é comum também excluir certas partes do mesmo objeto (SUZUKI, et al., 2021).

III-ESTÁGIO DE REALISMO INTELLECTUAL

Diferente das outras etapas, no realismo intelectual, a criança consegue alcançar a representação de um desenho realista, pois, conforme a criança passa pelos processos de desenvolvimento, ela aumenta sua capacidade de executar aquilo que ela já conhece. Essa fase é um grande avanço para o grafismo infantil, visto que:

Agora ela já consegue transmitir todos os princípios da realidade, pois sua intelectualidade vai além do

concreto, isto é, que podem ser vistos por ela ou não. Mesmo que ela não enxergue o alvo do seu desenho, ela traz para consigo todos os elementos reais para o grafismo, desenhando tudo o que já está internalizado em si, tudo o que já sabe e conhece. (BOMBONATO; FARAGO, 2016, P 183).

Segundo Luquet (1969), apesar que as crianças não leve em consideração os erros de seus desenhos, bem como as imperfeições, esses aspectos são extremamente importantes para que elas se aproximem cada vez mais da realidade, pois, é através das imperfeições que elas chegarão aos objetos reais (BOMBONATO; FARAGO, 2016). Dessa forma, a fase de realismo intelectual, refere-se não apenas ao que a criança vê, nessa etapa, a criança é capaz de diferenciar distância, planos horizontais e verticais, e transparência, e ela acontece por volta dos dez anos aos doze anos de idade. (MÈREDIEU, 2006)

IV- REALISMO VISUAL

Essa etapa, refere-se ao último estágio do desenvolvimento do grafismo infantil de Luquet. Ela acontece a partir dos doze anos de idade e se estende até os 16 anos ou mais, e nessa fase, algumas características marcantes estão

relacionadas pela descoberta da perspectiva e percepção. Em contrapartida, é comum que a criança comece a enxugar progressivamente os elementos gráficos de um desenho ou imagem vista, e assim, o que antes poderia ser elemento chamativo, passa a ser opaco e transparente, pois, nessa fase que é o período da adolescência os aspectos lúdicos se desenvolvem para recursos intelectuais mais avançados, onde, ele já domina seus esquemas cognitivos. (ALEXANDROFF, 2010, apud SUZUKI et al., 2021).

Sendo assim, o conhecimento de uma criança expressado pelo grafismo infantil é o resultado de uma lembrança pela qual a criança tem do objeto e conseqüentemente, o desenho é a expressão de sua evolução mental. Onde “no decorrer do desenvolvimento, a criança vai adquirindo a tomada de consciência de si e do mundo” (SOUZA, 2012 p 03).

Porém, é importante ter em mente que nenhuma criança passa repentinamente de uma fase a outra do desenho. Em um processo contínuo de idas e vindas, a criança vai reformulando suas estruturas mentais, elaborando suas hipóteses até que as novidades se combinem com as aquisições anteriores e o conhecimento seja estruturado mentalmente. Este processo é

chamado de equilíbrio (SOUZA, 2012 p 03).

Diante do exposto, tem-se a importante necessidade de incentivar o desenvolvimento do grafismo infantil, tanto nas escolas, quanto no ambiente familiar. Nesse contexto, abarcando a educação como construtora de novos conhecimentos, ao trabalhar os processos criativos das crianças nas salas de aulas os profissionais estarão influenciando o aprimoramento dos pensamentos e o nível intelectual das crianças. Dessa forma, todo o processo irá permitir e auxiliar a compreensão de si, dos outros e do mundo. (SOUZA, 2012).

A ÓTICA DE LOWENFELD

No ano de 1947, Viktor Lowenfeld (1976), também realizou seus estudos a respeito do desenvolvimento do grafismo infantil. E, assim como Luquet (1969), Loewnfeld dividiu os estágios de desenvolvimento de acordo com faixa etária, onde, chegou-se a conclusão de que existem quatro diferentes fases de desenvolvimento do grafismo infantil, sendo o primeiro, o Estágio de Garatuja. Esse estágio em específico, segundo o autor, se subdivide em outros quatro estágios, denominados por: Desordenado; Longitudinal;

Circular; e Fase de Nomear. Além disso, o autor também nomeou os seguintes estágios como: Pré-Esquemático e Realismo. (SUZUKI et. al., 2021)

Lowenfeld (1976), denominou o estágio de garatuja como a fase que envolve crianças de dois a quatro anos, caracterizando essa fase pelos rabiscos descoordenados e desordenados, feitos aleatoriamente e ao acaso. (SUZUKI et. al., 2021). Esses traços, são os primeiros produzidos pela criança, e configuram um primeiro contato com a escrita em imagens. É comum nessa fase que a criança não tenha destreza e coordenação motora para a realização de um desenho ou figura legível para os indivíduos de seu meio. (TEIXEIRA, 2007). Pois, “só ali a criança encontra a sanção que confirma seu traço, sua garatuja, como lugar de presença em que sua existência coloca-se em ato.” (TEIXEIRA, 2007, p 13). Contidas em qualquer tipo de arte feita pela criança, assim como qualquer tipo de traçado, as garatujas são também unidades gráficas, pelas quais tornam-se possível através delas analisar como andam as relações criança-adultos no ambiente em que a criança está inserida. (TEIXEIRA, 2007).

Ao subdividir esse estágio em outras quatro classificações, Lowenfeld obteve, portanto:

I. GARATUJA DESORDENADA

Esse estágio se relaciona às marcas desordenadas feitas pela criança, podendo ser realizado de diferentes formas, como um traçado leve, pesado ou reforçado, esse fator dependerá da criança e irá variar a cada criança, logo que, elas ainda não têm controle sob a sua motricidade. (SUZUKI et. al., 2021). Nesse estágio, a criança pode utilizar-se de cores sem intenções de transmitir alguma mensagem consciente, apenas pelo simples prazer de experimentar as cores. Essas garatujas se aproximam a uma rabiscação, sem figuras pré-estabelecidas (TEIXEIRA, 2007).

Nesta etapa, o suporte gráfico (papel ou superfície oferecida para o desenho) deverá ser bem grande, pois nesta fase a criança ainda não tem condições de controlar seus movimentos. O ato de desenhar resume-se à exploração dos materiais, pois a criança encontra-se no estágio sensório-motor de acordo com Piaget (1977). No início do estágio sensório-motor, a criança não consegue separar o sujeito do objeto e também não há objetos permanentes, é como se ela fosse parte do todo (SOUZA, 2012, p 03).

II. GARATUJA LONGITUDINAL

Nessa classificação, a característica principal percebida por Lowenfeld, são os movimentos repetidos, feitos em diferentes direções e já controlados. Além disso o autor também notou que quando a criança realiza sua garatuja de forma longitudinal, ela demonstra através daqueles riscos, uma maior consciência corporal, assim, através do tato, e de todas as outros estímulos musculares que seu corpo emite, as sensações de satisfação são experimentadas por ela (SUZUKI et al., 2021). Apesar da utilização de cores ainda ser inconsciente, ela a utiliza com mais afinco (TEIXEIRA, 2007).

III. GARATUJA CIRCULAR

De acordo com Lowenfeld, a principal característica da garatuja circular, é a habilidade da criança em explorar os movimentos circulares que são realizados com o seu braço como um todo (TEIXEIRA, 2007). Os movimentos se tornam mais controlados e seus desenhos vão desenvolvendo figuras e formas mais complexas (SUZUKI et al., 2021).

IV. GARATUJA CONTROLADA

Ao decorrer de seu desenvolvimento, o autor notou que as

crianças vão criando um pensamento imaginativo. Nessa classificação, suas garatujas se transformam em um mix de movimentos e pausas interrompidas. Nessa classificação os desenhos já atribuem formas de figura imaginada. É comum as crianças narrarem ou comentarem sobre. As formas se transformam em pessoas ou animais. Todos frutos da fantasia. Porém, nessa fase, quando utilizadas as cores, os pequenos as usam para diferenciar os significados. “O desenho deixa de ser simples expressão motora e começa a representar coisas de sua realidade, em geral figuras humanas” (TEIXEIRA, 2007, p 14).

V. FASE DE NOMEAR/INTENCIONAL

Em contrapartida as outras classificações, nessa, a criança começa a desenhar outros elementos, na intenção de criar uma história por trás daquela garatuja. É comum ainda desenho de figura humana, porém, na fase intencional, essa figura é feita de forma mais completa, possuindo os membros como cabeça, ombro, mãos, pés, tronco, olhos e boca. Posteriormente, a criança começará a misturar outros elementos em seu desenho, como a escrita. (TEIXEIRA, 2007).

Ainda, segundo o autor:

“Esta mudança, de pensar em termos de movimentos para pensar, em termos de figura ou imagens, é de importância decisiva, porque, de agora em diante, e por toda a vida [...], a maior parte do seu pensamento se referirá a imagens. Na realidade dificilmente podemos pensar num nome, ou numa experiência passada, sem nos referirmos a uma imagem mental.” (LOWENFELD, 1977, p.100, apud SOUZA, 2012, p 04).

Subsequente às classificações de garatujas, a segunda etapa do desenvolvimento do grafismo infantil estudado por Lowenfeld, é denominada de Estágio Pré-Esquemático. A faixa etária estabelecida para essa etapa refere-se a crianças de quatro anos até os sete anos de idade. (PILLOTTO; SILVA; MOGNOL, 2007).

No estágio Pré-Esquemático, a criança obtém as primeiras tentativas de representar a realidade. Pelos seus desenhos é possível perceber que ela está desenvolvendo a consciência de formas, figuras e objetos, embora ainda possam esteticamente aparecer de maneira descontextualizada e desproporcionais no que se refere a tamanho e direção. (PILLOTTO; SILVA; MOGNOL, 2007).

Por outro lado, o Estágio Esquemático, terceira fase do desenvolvimento gráfico, a criança de maneira descritiva, simboliza em seus

desenhos traços que indicam pertencimento do seu meio social, sendo assim, ela acaba estabelecendo uma correlação entre a forma e o que quer transmitir pela representação do desenho. (SOUZA, 2012). Assim, esse estágio envolve a idade de sete aos nove anos de idade. (PILLOTTO; SILVA; MOGNOL, 2007).

E por fim, o último estágio intitulado por Lowenfeld, é denominado de Realismo. Esse estágio abrange crianças de nove anos de idade. No Realismo segundo Lowenfeld, a criança possui uma consciência mais intensificada sobre si. Essa compreensão de si, será projetada de maneira mais real nos seus desenhos, apesar de ainda existir simbolismo nas suas produções. Nessa etapa, diferente os outros, é preferível pela criança omitir nos seus desenhos alguns elementos, pois, elas preferem ocultar dos adultos, possíveis traços que identifiquem aspectos de sua personalidade. O prazer de narrar e mostrar sua arte, dá lugar agora a uma autocrítica, o mundo que antes era imaginário já detém realidade. (PILLOTTO; SILVA; MOGNOL, 2007).

Na etapa do Realismo, as crianças reforçam alguns dos elementos que são considerados

importantes por elas. Segundo Souza, (2012):

Nesta etapa, a criança representa vários pontos de vista num mesmo desenho, simultaneamente. Além disso, os elementos de maior importância são realçados. Podem aparecer fenômenos como rebatimento, transparência, planificação, descontinuidade e mudanças de ponto de vista, segundo Luquet (1969, apud SOUZA, 2012). Como esta etapa é rica em descobertas e tentativas já que as estruturas mentais da criança estão em processo constante de assimilação e acomodação, é preciso incentivar para que a criança faça seus próprios desenhos, porque do contrário estaremos prejudicando sua espontaneidade, criatividade e imaginação se apresentarmos modelos prontos. (SOUZA, 2012, p 07).

O PAPEL DOS EDUCADORES NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO GRAFISMO INFANTIL

Durante todo o processo de desenvolvimento do grafismo de uma criança a rede de apoio, bem como aquela na qual ela nutre suas experiências, é de vital importância, uma vez que quando uma criança confecciona uma arte gráfica, ao expor seu mundo intrapessoal, os adultos podem não compreender o que aquela criança expôs em um desenho. Durante essa trajetória, os educadores (família e docentes), necessitam acolher, incentivar e acompanhar ativamente esse processo, já que cada criança em sua singularidade constrói

o seu mundo pessoal e poético. (LIRA, 2022).

O desenho apresenta a característica de uma proposição poética, um construto social, cujo desenvolvimento se concretiza com a intervenção dos fatores do meio, da educação e da própria criança. O processo de desenvolvimento dessa linguagem se dá através do diálogo com outros desenhos, de artistas, ou crianças. Dialogando com a arte adulta a criança assimila conteúdos artísticos e trilha um caminho com vistas a alcançar sua poética pessoal (ROSA, 2013, apud LIRA, 2022, p 02).

Portanto, o grafismo infantil é merecedor de valorização e reconhecimento por parte da rede de apoio da criança. Além disso, os educadores precisam estar atentos nos sinais velados que essa criança manifesta em seu desenho ou garatujas, para que assim, seja possível analisar de forma minuciosa essa representação, e com isso, possibilitar um melhor entendimento sobre os significados quanto formas de linguagem da criança. (MOTA, 2011).

Sabe-se que a escola é um ambiente constituído por diferentes sujeitos, alunos, professores, coordenadores e colaboradores. Dentre eles, destaca a importância do professor no tocante ao ensino e aprendizagem, que dentro de uma sala de aula busca criar estratégias de

socialização, ensino, aprendizagem, incitando a busca por conhecimento. Nesse sentido, no que tange as representações gráficas das crianças no processo de ensino e aprendizagem, o professor torna-se um agente mediador. Onde, deve estar sempre atento aos tipos de representações de cada criança, mesmo que a intenção não seja instigar possíveis gatilhos. O olhar do professor para um grafismo deve ser observador, pois, estar atento aos sinais é importante para desvendar possíveis situações conflituosas e emocionais da criança. (NOVAES, 2020).

Sendo assim, quando um professor nota que uma criança apresenta algum receio de desenhar dentro da sala de aula, ele deve observar esse comportamento e estimular a criança a garatujar. Quando esse estímulo é absorvido pela criança de maneira positiva e ela quebra essa barreira limitante, cabe ao professor proferir alguns questionamentos sobre tal representação, para que desse modo, a criança possa nomear os desenhos, para que esse profissional educador consiga colher informações a respeito da arte gráfica e os possíveis motivos de tal receio. (FERREIRA, 2021).

Portanto, um bom educador, dá espaço e tempo para que todos os pensamentos da criança, que por vezes são complexos e metafóricos, sejam produzidos e reproduzidos, e conseqüentemente compreendidos. Por isso, é tão importante esses educadores estarem sensibilizados e confiantes das potencialidades de cada criança, sejam elas filhos, netos, irmãos, ou alunos. (SULZBACH; KERBER, 2019).

Além de motivar um aluno, o professor/pedagogo deve também ter controle sob o espaço, organizando o ambiente e oferecendo-lhes materiais diversificados e lúdicos para que essas crianças tenham autonomia para escolher quais materiais querem utilizar para desenhar. No ambiente educacional, a equipe também pode proporcionar rodas de leituras, de exposição dos desenhos e conversação entre as próprias crianças sobre cada arte produzida por elas. Dessa forma, os profissionais deixam as crianças livres para falarem com os outros colegas de classe o que produziu. Atividades como essa, são intensamente significativas para os alunos, uma vez que além de expressarem nos desenhos suas emoções e pensamentos, também se expressam verbalmente.

(IAVELBERG, 2008, apud FERREIRA, 2021).

No ensino infantil, uma medida adotada pela escola ao final de cada semestre, é a confecção de uma pasta de cada aluno, onde, nela contém todas as produções gráficas da criança, com isso, por meio dela, os pedagogos e professores podem observar o desenvolvimento da criança, o que possibilita assim, uma melhor análise por parte da equipe. (FERREIRA, 2021). O professor educador, nesse contexto, é visto com uma peça chave no processo ensino-aprendizagem do grafismo infantil, pois, esse profissional, junto com a família desenvolve seu trabalho pautado na responsabilidade em mediar os caminhos que a criança percorre frente ao mundo artístico cultural. (OSTETTO, 2011).

É possível compreender que toda criança desenha, porém esse desenho é influenciado pelo contexto que a mesma está inserida. E cabe ao professor de educação infantil propor que essa criança tenha contato desde cedo com o desenho, por meio da diversidade de ideias, artistas e matérias a serem experimentados (FERREIRA, 2021, p 1111).

Quando se trata da escola e a equipe educacional, um dos grandes empecilhos no processo de desenvolvimento do grafismo, revela-se nas interferências por parte do

professor no desenho da criança. Muitos professores acabam nomeando por conta própria o desenho que a criança fez. Também existem aqueles que acabam consertando e dando um “retoque final” naquele desenho, ou qualquer outra forma que seja de consertar o desenho para mostrar aos pais. Contudo, sabe-se que o desenho de uma criança é uma forma de linguagem, ao intervir nessa representação, o professor se coloca em um lugar de violação e negação daquela linguagem, silenciando e restringindo o direito da criança de criação. Visto que, existe por trás de toda produção uma identidade: a identidade da criança (OSTETTO, 2011).

Por isso, como afirma Derdyk (2010, p 18): “Os educadores são porta-vozes de uma visão de mundo, transmissores de comportamentos, interferindo direta e ativamente na construção de seres individuais e sociais”. Entretanto, diversas escolas ainda possuem em seu corpo docente, profissionais como esses. Além disso, também existem aquelas instituições educacionais que trabalham sob uma ótica tradicional e padronizada, onde, os desenhos já chegam as crianças com um modelo a ser seguido, na qual tem-se cópias

xerocopiadas que são entregues as crianças para colorir. Todavia, esse modelo não deixa de ser importante para o ensino-aprendizagem, o fato importante está na estimulação da criatividade, autonomia e pensamento das crianças. Visto que, existe a necessidade de criar seus conceitos, ideias, compreender e assimilar tais conceitos. Esses fatores são intrínsecos para a aprendizagem infantil (SANTOS, 2020).

Dessa forma, ressalta-se a importância dos profissionais de educação procurarem sempre estarem conectados ao conhecimento a respeito das unidades gráficas infantis, buscando em especializações um aperfeiçoamento uma melhor compreensão do universo por trás, do que se refere o grafismo infantil, mais especificamente as formas de desenho, perpassando conceito, estágios de desenvolvimento e as possíveis formas de interpretar essa reprodução artística das crianças, objetivando a obtenção de um diagnóstico certo e responsável, pautado á luz da teoria. (LEÃO, PALOMA, 2022).

ANÁLISE DO GRAFISMO INFANTIL PELO PROFESSOR E EQUIPE

Como já exposto, a atividade gráfica de uma criança, em parte, representa, o aspecto consciente da criança, entretanto, também é uma representação inconsciente em maioria do tempo. Essa conexão também é um construto repleto de simbolismo e mensagens não verbais. (SILVA; RODRIGUES; ALMEIDA, 2011). Assim, as produções gráficas de uma criança têm sido consideradas um recurso lúdico extremamente importante para a prática educacional, no que se refere como um objeto de análise, observação e avaliação, já que através dessas produções é possível entender como essa criança está emocionalmente, por meio da relação ensino-aprendizagem. (LEÃO, PALOMA, 2022). Uma boa análise por parte do professor e equipe pedagógica pode contribuir com a revelação de aspectos cognitivos, emocionais e afetivos, e até mesmo com possíveis dificuldades de aprendizagem (GOBETTI; CASTRO, 2018).

Portanto, a interpretação do grafismo infantil, não é feita de qualquer maneira, nem de forma isolada ou simples. É preciso investigar todo o contexto ambiental e

familiar de uma criança para que possa se chegar a uma conclusão “diagnóstica”. (GOBETTI; CASTRO, 2018). A análise do desenho da criança tem como base principal a busca pelos significados, uma intrínseca ligação entre o que ela quer transmitir através do que já conhece. (BERARD, 1998, apud SILVA; RODRIGUES; ALMEIDA, 2011). Levando em consideração o ato de desenhar, é comum a criança se revelar oralmente por meio de diálogos pessoais inconscientes e histórias, que narrem determinada situação, e que podem ser primordial para a compreensão e investigação do que pretende descobrir. Para a criança, o desenho é uma forma de válvula de escape quando faltam-lhes as palavras. (SILVA; RODRIGUES; ALMEIDA, 2011).

Porém, melhor que a fala, os desenhos expressam por si mesmos delicadezas do intelecto e afetividades, aspectos sutis que são perceptíveis e que estão ao mesmo tempo além do poder ou liberdade condicionada pela comunicação verbal. A criança, mesmo que inconscientemente, utiliza-se no ato do desenho de uma simbologia dos mais gerais e efetivos meios de comunicação e que só adquirirão um significado específico quando observado no contexto da história pessoal da mesma (Silva; Rodrigues; Almeida, 2011, p 383).

Quando um professor ou qualquer outro profissional integrante

da equipe pedagógica percebe que uma criança insiste em representar determinado desenho, torna-se um motivo para se atentarem ao significado dessa repetição gráfica. Uma vez que, essas aparições podem estar relacionadas com alguma situação que marcou emocionalmente ou fisicamente aquela criança, e que foi deixado nela alguma marca traumatizante, seja, uma situação de violência ou a presença da criança em determinado evento traumático. Porém, aspectos como esse, só aparecem conforme a relação que a criança estabelece com o seu meio (SILVA; RODRIGUES; ALMEIDA, 2011).

Portanto, quando os professores da educação infantil propõem o desenho livre, permite instantaneamente que a criança manifeste espontaneamente a expressão do seu pensar, utilizando-se de seu traçado, das cores, da perspectiva, das formas e dos espaços. (LOPES, 2011, apud ALVES, 2014). Um desenho carregado de detalhes, demonstram com mais nitidez o que se esconde por trás desse grafismo. (SILVA; RODRIGUES; ALMEIDA, 2011).

Na educação infantil, a análise de um grafismo é feita sob uma

metodologia que contempla quesitos importantes. Deve ser levado em consideração a criança em sua totalidade, ponderando sua história social, cognitiva, biológica e emocional. O professor e/ou equipe necessita avaliar o desenho de maneira geral, contemplando os detalhes, esmiuçando a impressão geral do desenho; o traçado e se o mesmo possui maior ou menor intensidade; o posicionamento dos elementos em relação a superfície desenhada; as cores que a criança utilizou em cada elemento; e se existe algum elemento indicativo de possível sofrimento psíquico. (COGNET, 2019, apud LEÃO; PALOMA, 2022).

Além disso, é analisado os simbolismos que a criança representa em cada grafismo, separando aquilo que é fruto de sua imaginação, e aquilo que é real. Dessa forma, tendo como base esses quesitos, essa avaliação, quando associada ao levantamento de questionamentos a respeito daquele desenho por parte do professor, pedagogo ou outro profissional integrante da equipe escolar, o permite obter informações sobre vida familiar, situações vivenciadas, relações entre os pares e questões emocionais da criança

(COGNET, 2019, apud LEÃO; PALOMA, 2022).

Entretanto, esses questionamentos não devem ser feitos de forma maçante como um interrogatório, tendo em vista que se tratam de crianças é feita de maneira dinâmica, lúdica e leve, uma vez que é importante haver um vínculo entre a criança e o adulto, para que assim, ele possa acessar suas demandas. Sendo assim, ao fazer a interpretação daquele grafismo de determinada criança, requer do profissional muita cautela e atenção, pois, cada quesito pode levar a diferentes interpretações, que dependerá e irá variar da grafia, oralidade e comportamento da criança enquanto realiza o desenho.

Conforme expõe Visca (2009, apud Leão; Paloma, 2022, p 10), para interpretar o desenho de uma criança, existem alguns indicadores a serem observados, como: “as posições na folha, as posições e tamanhos dos personagens, as características corporais, inclusão ou exclusão de personagens ou outros elementos importantes, o ângulo de visão, entre, outros”. Contudo, necessitar considerar também a verbalização da criança, bem como a forma que ela contextualiza a situação, tempo, espaço.

Também, é extremamente importante o profissional educador verificar se há coerência entre o desenho, o tema e os relatos oralizados pela criança em relação ao grafismo. Não obstante, no comportamento da criança, é preciso ponderar sua postura: se realiza gestos, gesticula, e se acontecem de forma voluntária ou involuntária. (Visca, 2009, apud LEÃO; PALOMA, 2022).

Além do mais, existem desenhos pré estabelecidos que quando analisados de forma integral e minuciosa trazem subsídios relevantes para um bom entendimento da criança. Um dos desenhos que podem ser citados como exemplo são casas. Esses desenhos indicam informações sobre o ambiente familiar dessa criança, nele é possível notar mesmo que de forma não verbal como a criança se sente nesse ambiente, assim como, se esse é um ambiente adocedor ou acolhedor, como expõe Crotti e Magni (2011, apud LEÃO; PALOMA, 2022, p 13), representa o “modo de vida da criança, a relação com seus pais, seu papel no seio da família e a forma pela qual se prepara para enfrentar o mundo exterior”. Com isso, quando uma criança confecciona o desenho de uma casa mesmo em

momentos de desenho livre, o educador consegue notar questões que permeiam a relação com os pais e família, podendo se estender a um extremo de abandono afetivo quando não existe essa relação, assim como, se a criança é estimulada sob uma educação autoritária, dominante, submissa ou agressiva. (ALVES, 2014).

No entanto, uma representação artística de uma casa, há ainda elementos principais que formam o desenho como um todo, e que não devem ser ignorados, como as portas, janelas, estrutura e proporção. Quando essa casa apresenta janelas abertas indicam que a criança está disposta a estabelecer relações, assim como diz ALVES (2014, p 14) “janela aberta como exposta no desenho mostra um espírito curioso, aberto ao mundo exterior e a comunicação”. Quando fechadas, geralmente pode indicar dificuldade para expressar seus sentimentos e introspecção. (ALVES, 2014).

Quanto às cores utilizadas, comumente, quando em sofrimento, as crianças utilizam cores mais fechadas e expressivas, como preto, marrom, e normalmente, o vermelho remete a sangue. Todavia, quando o vermelho é utilizado em algum desenho, ou parte

dele, exige um maior foco para aquele desenho, pois, pode ser um indicativo de trauma, assim como o preto, quando a criança reforça repetidas vezes. No desenho da criança, conscientemente ou inconscientemente, se ela foi a exposta a uma situação de violência física, psíquica ou sexual, essas cores aparecerão em algum desenho, como uma manifestação simbólica de uma lembrança ou pensamento. (ALVES, 2014).

Já em relação a proporção existe uma maior cautela quando analisada, pois, dependerá muito da dinâmica familiar e também de aspectos da personalidade dessa criança. Além disso, também é importante o professor ou educador estar atento a elementos extras no grafismo da criança, já que a criança pode trazer questões fora do ambiente familiar para dentro do desenho. Todos esses fatores precisam ser analisados junto com o diálogo sobre o desenho. (ALVES, 2014).

Outros desenhos corriqueiramente feitos pelas crianças nas salas de aula são as representações de família, normalmente os personagens mais comuns são: a mãe, pai e irmãos. A partir do momento que alguma dessas figuras não aparecem nos desenhos,

abre espaço para possíveis hipóteses, e esse se torna um motivo para analisar mais profundamente. Independente do desenho feito, segue-se as mesmas características para analisar. (ALVES, 2014).

Quando criança, ao relacionar o desenho de uma família, normalmente as crianças fazem o desenho na parte central da folha, e isso pode significar dois extremos ao depender do contexto familiar: egocentrismo ou insegurança. Geralmente, o primeiro personagem da família representado no desenho, é aquele indivíduo no qual a criança mais admira, obedece, e tem maior dependência. Contudo, pode variar de figura e não necessariamente ser o pai ou a mãe. E quando a criança desenha a si mesmo em último lugar pode indicar deficiência na afetividade em relação aos membros familiares, insegurança e baixa autoestima. Entretanto, existe ainda aquelas crianças que desenharam possíveis figuras de autoridade em último lugar na posição de membros familiares, assim, essa reprodução gráfica pode indicar que aquele personagem representa uma função desvalorizada na dinâmica familiar. Contudo, cada personagem também deve ser questionado pela equipe, pois, só assim, o educador conseguirá

compreender melhor a maneira como é criada, estabelecida e mantida as relações nessa família. (ALVES, 2014).

Dessa forma, é reconhecida a importância da mensagem implícita nos desenhos infantis e a aprendizagem que detém em todo seu conteúdo, colaborando também para o desenvolvimento da linguagem com seus próprios códigos, levando em conta a necessidade de que o universo imaginário infantil deve ser estimulado, desafiado e confrontado de forma a poder enriquecer as próprias experiências das crianças, bem como contribuir para a formação da sua identidade como sujeito (ALVES, 2014, p 16).

Por esse motivo, é importante que dentro do contexto escolar, quando um profissional lida com a educação infantil, o mesmo deve ser dotado de capacitação e habilitação para trabalhar com essas demandas, e conseqüentemente quando confirmadas as hipóteses, a equipe educacional possa tomar as devidas medidas. O universo infantil é lúdico e quando não existem habilidades para entender as demandas veladas que podem aparecer nos desenhos e nos grafismos infantis, esse profissional coloca em risco sua atuação e o mundo psicossocioemocional da criança. (LEÃO; PALOMA, 2022).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para realização do projeto de pesquisa foi a Bibliográfica, na qual segundo Gil (2002, p. 61) consiste em:

Esse levantamento bibliográfico preliminar pode ser entendido como um estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo no qual está interessado, bem como sua delimitação. Essa familiaridade é essencial para que o problema seja formulado de maneira clara e precisa.

Com isso foi utilizado livros, revistas, artigos, monografias e dissertações para a elaboração do corpo teórico do trabalho.

Esse estudo foi realizado a luz da teoria pedagógica, onde, foi colocado em pauta os conceitos envolvendo o desenvolvimento do grafismo infantil associado ao trabalho de um professor dentro da instituição escolar. Sua importância está em abarcar esse assunto, que na maioria das vezes não é abordado detalhadamente no decorrer da atuação de um profissional educador, visto a necessidade desse profissional que trabalha com a educação infantil compreender o que está escondido por trás de uma representação gráfica infantil, que, em seu universo lúdico, traz a tona inúmeras informações sobre suas emoções e suas relações familiares e ambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs, por meio do objetivo geral compreender como o grafismo é visto na educação infantil. Com isso, focou-se elucidar os assuntos que perpassam desde o desenvolvimento de um grafismo, os tipos de grafismo de acordo com teóricos, a forma de interpretação por parte dos professores e equipe, assim como a papel dos educadores e família nesse processo. Um grafismo infantil, seja ele um desenho ou um rabisco, é uma atividade necessária, prazerosa e divertida para a criança, uma vez que ao desenvolvê-la a criança pode simbolizar seus pensamentos e o seu mundo real ou imaginário. Além de desenvolver também a cognição, coordenação motora e a instigar a socialização.

Dessa forma, e diante do exposto, esse trabalho pôde esclarecer por meio de conceitos e teorias os significados velados de um grafismo infantil, levando em consideração a escolarização infantil, tendo a participação ativa de professores, pedagogos e toda a equipe educacional.

Sendo assim, ressalta-se a importância de um educador estar sempre atento aos possíveis

significados da produção gráfica da criança. As primeiras produções precisam serem reconhecidas como uma arte além dos rabiscos. Cada grafismo tem um significado, e uma mensagem a ser transmitida, seja ela positiva ou negativa, uma vez que essas representações revelam aspectos pelos quais ela ainda não está preparada para verbalizar.

Através da análise minuciosa do grafismo da criança pode-se perceber questões envolvem aspectos do seu contexto social, família e suas relações. Dentre elas estão um emaranhado de aspectos. Pelo desenho e traçado da criança pode-se notar suas faculdades emocionais. Todas aquelas questões que são vivenciadas por essa criança estão sujeitas a aparecerem em algum grafismo, como questões familiares, relacionamento com os pais, irmãos, avós, e todo o seu ambiente familiar no geral. Também, quando uma criança está sofrendo com alguma questão, como separação dos pais, alienação parental, abuso, violência e negligencia durante alguma atividade que se refere a confecção de desenhos, inconscientemente a criança pode representar e relatar.

Além da representação gráfica, as informações obtidas pela equipe

também são imprescindíveis. Quando o professor nota algo de errado com aquele grafismo, seu papel é de questionador, com fins de colher informações sobre os possíveis acontecimentos representados no desenho.

Por fim, esse trabalho pode elucidar o conhecimento da área educacional sob diferentes significados gráficos de uma criança que externaliza seu mundo interior por meio da linguagem não verbal, através de atividades na escola que objetiva a confecção de desenhos. Destaca-se que o desenvolvimento desse artigo proporciona inúmeras reflexões acerca de um tema cercado de apontamentos no que tange as representações das vivências das crianças, destacando também a influência do processo educacional e dos profissionais diante tais representações.

REFERÊNCIAS

- BÉDARD, Nicole. Como interpretar os desenhos das crianças. 2. ed. São Paulo: Ed. ISIS, 1988.
- COELHO, Rodrigo Borges. O Desenho ou a vontade do seguinte. In: Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 2. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. p.51-56.
- DE SOUZA, S. H. V. A Criança e a Expressão do Pensamento através do Grafismo. **Revista Thema**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/135>. Acesso em: 27 ago. 2022.
- MÈREDIEU, Florense de. O desenho infantil. São Paulo: Cultrix, 1974.
- MÈREDIEU, Florence de. O desenho infantil. São Paulo: Cultrix, 2006.
- NOVAES, Maria de Fátima Braga. **O grafismo infantil e sua relação com a escrita**: uma experiência vivida na Associação Pestalozzi de Codó - MA. 2020. 1-84 p. Monografia (Graduação em Pedagogia- Licenciatura) - Universidade Federal do Maranhão, Codó, MA, 2020. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/4590>. Acesso em: 27 ago. 2022.
- OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 187 p. Ilus.
- PEREIRA, Célia Ceschin Silva; SILVA, Maryahn Koehler. Grafismo Infantil: leitura e desenvolvimento. **EXPRESSIVAS E COMUNICATIVAS EDUCAÇÃO INFANTIL: DIFERENTES FORMAS DE LINGUAGEM**: Acervo Digital UNESP, São Paulo, SP, 25 abr. 2011. Disponível em: <https://acervodigital.une>
- SELL DUARTE PILLOTTO, S.; KOEHLER SILVA, M.; MOGNOL, L. Grafismo infantil: linguagem do desenho
Childrens' Drawing: the Language of Drawing. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 5, n. 2, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.ph>

p/linhas/article/view/1219. Acesso em: 27 ago. 2022.

SOUZA, Cátia Dutra Mota. **Evolução do grafismo versus o desenho pronto e/ou estereotipado para as crianças de 4 a 5 anos**. Orientador: Andréa de Paula Xavier Vilela. 2020. 1-45 p. Monografia (especialização) (Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas) - Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, Polo Contagem- MG, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/34926>. Acesso em: 27 ago. 2022.

TEIXEIRA, Ana Luísa Rezende. **GRAFISMO INFANTIL: UM ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A LINGUAGEM ESCRITA**. Orientador: Maria Eleusa Montenegro. 2007. 1 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Ciências da Educação (FACE)- UNICEUB, Brasília, DF, 2007. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/6791>. Acesso em: 27 ago. 2022.

SUZUKI, Amanda Karoline; PAVINATO, Graziela Aparecida; ALMEIDA, Larissa da Costa; MARRAN, Maria Eduarda Vieira; AMPUDIA, Mariana Totti; DOS SANTOS, Moira Kelly R.; OLIVEIRA, Pedro Henrique R.; SANTIAGO, Daniela Emilena; BARBOSA, Flavia Danieli de Souza. **O GRAFISMO INFANTIL SEGUNDO LUQUET, LOWENFELD E BRITAIN: um estudo teórico. Journal of Research in Humanities and Social Science**, [s. l.], ano 21, v. 9, n. 10, p. 23-31, 18 out. 2021. Disponível em: [4/D09102331.pdf. Acesso em: 28 ago. 2022.](http://www.questjournals.org/jrhss/papers/vol9-issue10/Ser-</p>
</div>
<div data-bbox=)

SANTIAGO, Daniela Emilena; RIBEIRO, Alessandra Nascimento; SILVA, Isabella Furlaneto; VILLARINO, Maria Eduarda Santana; LEITE, Maria Julia Minalli; OLIVEIRA, Mateus José Garcia de; OLIVEIRA, Rafaela Marques de. **O GRAFISMO DA CRIANÇA COMO REPRESENTAÇÃO DOS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO E DA INTELIGÊNCIA INFANTIL. CONNECTION LINE** : Revista Eletrônica do UNIVAG, [s. l.], n. 22, p. 80-89, 3 ago. 2020. DOI 10.18312/connectionline.v0i22.1526. Disponível em: <http://periodicos.univag.com.br/index.php/CONNECTIONLINE/article/view/1526>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SILVA, Kiara Elaine Santos da; RODRIGUES, Ida Janete; ALMEIDA, Thiago de. **O GRAFISMO DA CRIANÇA COMO REPRESENTAÇÃO DOS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO E DA INTELIGÊNCIA INFANTIL. Anais da IX Jornada APOIAR: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E TRABALHO EM REDE COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS: BRASIL, ARGENTINA CHILE E PORTUGAL** -, [s. l.], p. 376-385, 18 nov. 2011. Disponível em: https://www.thiagodealmeida.com.br/site/wp-content/uploads/Aspectos_projetivos_do_grafismo_infantil.pdf. Acesso em: 28 ago. 2022.

BOMBONATO, Giseli Aparecida; FARAGO, Alessandra Corrêa. **As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro, SP, p. 171-195, 4 abr. 2016. DOI <http://192.168.7.116:8080/xmlui/handle>

/123456789/342. Disponível em: <http://repositorio.unifafibe.com.br:8080/xmlui/handle/123456789/342>. Acesso em: 28 ago. 2022.

LEÃO, Geila Sibeles de Godoi Araújo. **Desenho infantil**: uma visão psicopedagógica. Orientador: Michely Isber Ruiz Paloma. 2022. 1-16 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicopedagogia) - Centro Universitário Internacional UNINTER., [S. l.], 2022. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/1018>. Acesso em: 28 ago. 2022.

MACEDO, Julia Victoria Alves. **Uma análise sobre o grafismo na Educação Infantil**. Orientador: Dalmo Rodrigues Da Silva. 2021. 1-14 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - UNICEPLAC, Gama-DF, 2021. Disponível em: <https://dspace.uniceplac.edu.br/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

DE SOUZA, S. H. V. A Criança e a Expressão do Pensamento através do Grafismo. **Revista Thema**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/135>. Acesso em: 27 ago. 2022.

LIRA, Milena. **Evolução do grafismo infantil: memórias de infância**. VII CONEDU - Conedu em Casa... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/82448>>. Acesso em: 11/09/2022 11:38

ALVES, Vivian Lau. **CRIATIVIDADE: Uma Análise Do Desenho Infantil E Suas Contribuições Para A**

Aprendizagem. Orientador: Norma Maria de Lima. 2014. 1-25 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicopedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa- PB, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/>. Acesso em: 11 set. 2022.

MOTA, Aline Almeida Campos. **O GRAFISMO INFANTIL COMO CONTEÚDO SIGNIFICATIVO NO CURRÍCULO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFBA**. Orientador: Ana Katia Alves dos Santos. 2011. 1-83 p. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador, BA, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br>. Acesso em: 11 set. 2022.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. Porto Alegre : Zouk,2010.

FERREIRA, Carolina de Pádua. O GRAFISMO INFANTIL. In: Revista mais educação [recurso eletrônico] / [Editora chefe] Prof.^a Mestre Fatima Ramalho Lefone - Vol. 4, n. 1 (Mar. 2021) -. São Caetano do Sul: Editora Centro Educacional Sem Fronteiras,

2021. Disponível em:
<https://www.revistamaiseducacao.com/sumario-v4-n1-2021>. Acessado no dia 11 set. 2022.

SULZBACH, Loriane Maria Casalini; KERBER, Patrícia Simara. O GRAFISMO INFANTIL: OBSERVAÇÃO E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA. **Revista do Seminário de Educação de Cruz Alta - RS**, [S.l.], v. 7, n. 01, p. 236-240, feb. 2020. ISSN 2595-1386. Disponível em:
<http://www.exatasnaweb.com.br/revista/index.php/anais/article/view/795>.

Acesso em: 11 sep. 2022.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação Infantil e Arte: sentidos e práticas possíveis. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA [UNESP]; UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO [UNIVESP] (Org.). Caderno de formação: formação de professores: educação infantil: princípios e fundamentos. São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2011. v. 3. p. 27-39. ISBN 978-85-7983-133-1. Disponível em:
https://www.academia.edu/es/43607136/Livro_2_D12_Educacao_Infantil_Diferentes_formas_de_linguagem

_1_PEDAGOGIA. Acesso em: 11 set. 2022. (Educação Infantil: diferentes formas de linguagem expressivas e comunicativas, Caderno de formação n. 8, bloco 1, módulo 3, disciplina 14).

SANTOS, V. T. ; BATISTA, F. C. R. M.; O desenvolvimento da criança na educação infantil por meio do desenho. R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira, v.8 n.17 2017. E – 4794. Disponível em:
<https://periodicos.utfpr.edu.br/recit>. Acesso em: 11 sep. 2022.

SILVA, Kiara Elaine Santos da; RODRIGUES, Ida Janete; ALMEIDA, Thiago de. ASPECTOS PROJETIVOS DO GRAFISMO INFANTIL. **IX Jornada APOIAR: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E TRABALHO EM REDE COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS: BRASIL, ARGENTINA CHILE E PORTUGAL – Instituto de Psicologia da USP**, [s. l.], p. 376-385, 18 nov. 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em: 12 set. 2022.

GOBETTI, Viviane Maria dos Santos; CASTRO, Márcia Prado; O DESENHO INFANTIL. **Revista de Pós-graduação Multidisciplinar**, [S.l.], v. 1, n. 4, p. 37-46, July 2018. ISSN 2594-4797. Disponível em: <https://www.fics.edu.br/index.php/rpgm/article/view/768>. Acesso em: 23 sep. 2022. doi: <https://doi.org/10.22287/rpgm.v1i4.768>.

SILVA, Kiara Elaine Santos da; RODRIGUES, Ida Janete; ALMEIDA, Thiago de. ASPECTOS PROJETIVOS DO GRAFISMO INFANTIL. **IX Jornada APOIAR: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E TRABALHO EM REDE COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS:**

BRASIL, ARGENTINA CHILE E
PORTUGAL, São Paulo, p. 376-385,
18 nov. 2011. DOI 978-85-277-1849-3.
Disponível em: <https://www.ip.usp.br>.
Acesso em: 16 set. 2022.